

# Pensamento pós-colonial

**A**o longo dos últimos trinta anos *grosso modo*, o pensamento pós-colonial tem vindo a constituir um dos mais poderosos factores de transformação teórica e metodológica do campo das humanidades e das ciências sociais. Tal não resulta simplesmente do modo como esse pensamento oferece novas perspectivas a um repensar da história do colonialismo e da situação das sociedades pós-coloniais. Na verdade, mais do que isso, ele fornece um modelo de crítica à modernidade que atravessa transversalmente todo o campo do conhecimento e incita a um reequacionar de conceitos e perspectivas que representa uma importante ruptura epistemológica e se tem revelado, a um tempo, altamente polémico e imensamente produtivo. Assim, tal como noutros compostos semelhantes, o prefixo “pós” não denota simplesmente uma relação cronológica de posterioridade, antes aponta para a permanência da problemática colonial em contextos que permitem tomá-la como referência para o desenvolvimento de perspectivas críticas que adquirem um significado abrangente.

## Elementos de definição

A teoria pós-colonial de modo nenhum constitui um *corpus* unificado; pelo contrário, revela-se como um campo muito heterogêneo e de difícil delimitação. O mais amplo denominador comum das diferentes correntes do pensamento pós-colonial está, seguramente, no modo como fundam a explicação e compreensão do mundo na crítica às relações desiguais entre o Norte e o Sul, perspectivadas como assentes na matriz da relação colonial, e no modo como desenvolvem essa crítica a partir da incorporação do ponto de vista dos colonizados. Na raiz desse pensamento estão, assim, teóricos anticoloniais como, entre outros, Frantz Fanon, Albert Memmi, Aimé Césaire, Édouard Glissant ou Amílcar Cabral, os quais tiveram um papel determinante não apenas na formação de uma consciência anticolonialista e, no caso de alguns, na luta política e militar anticolonial

## O PENSAMENTO PÓS-COLONIAL EM PORTUGAL

Também em Portugal, onde começam a manifestar presença sobretudo a partir da segunda metade dos anos noventa, os estudos pós-coloniais, radicados, em boa parte, inicialmente no âmbito dos estudos literários e culturais, têm vindo a influenciar transversalmente os vários campos das ciências sociais (sobretudo a história, a antropologia e a sociologia) e das humanidades. Um dos seus representantes mais salientes tem sido Boaventura de Sousa Santos, cujo ensaio “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade” (2002) se transformou, a justo título, num texto de referência. Em ensaios posteriores (incluídos, nomeadamente, em *A gramática do tempo*, (2006), este autor tem vindo a aprofundar, em diálogo sobretudo com autores latino-americanos e africanos, uma perspectiva teórica pós colonial radicada nas especificidades do contexto português.

Outros autores, como Margarida Calafate Ribeiro, Cristiana Bastos, Manuela Ribeiro Sanches, Maria Paula Meneses ou Miguel Vale de Almeida, para citar apenas alguns, têm vindo a oferecer contributos relevantes. De assinalar também o papel desempenhado por investigadores da área dos estudos lusófonos radicados em universidades estrangeiras, como Ana Paula Ferreira, Francisco Bethencourt, Paulo de Medeiros ou Roberto Vecchi. A rede internacional LUPOR – Lusophone Postcolonial Research Network, fundada em 2005, reúne um conjunto amplo de investigadores dessa área em torno do pensamento pós-colonial.

Do ponto de vista institucional, tem sido crescente a presença dos estudos pós-coloniais no plano do ensino e da investigação universitários. Algumas universidades incluem desde há anos esta vertente nos seus planos curriculares. De mencionar, em especial, o programa transdisciplinar de doutoramento “Pós-colonialismos e Cidadania Global” do Centro de Estudos Sociais / Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, iniciado em 2003. Refira-se ainda que na Universidade de Aveiro está em curso o projecto de um Dicionário Terminológico de Crítica Literária Pós-Colonial.

nial, mas também, mais genericamente, na configuração de um modelo de discurso crítico enquanto discurso da diferença formulado no seio da relação colonial a partir da perspectiva dos oprimidos. No entanto, a matriz dominante da teoria é de inspiração anglo-saxónica, com a particularidade de, nalgumas das suas formulações mais influentes, ter como referência um conjunto de intelectuais em situação diaspórica e que, provindos de países periféricos ou semiperiféricos do sistema mundial, ocupavam lugares salientes em departamentos de estudos literários e culturais de universidades de topo dos Estados Unidos, como é o caso de Edward Said, Gayatri Chakravorty Spivak ou Homi Bhabha. Sobretudo em anos mais recentes, essa matriz tem vindo a ser contestada, matizada e pluralizada através de um conjunto de trabalhos surgidos nomeadamente, mas não só, em contextos latino-americanos.

A obra de Edward Said, *Orientalismo. Representações ocidentais do Oriente*, publicada em 1978, tem um significado matricial e é paradigmática da abordagem dominante. Partindo de um conceito de discurso, e de um modelo da relação entre o discurso e o poder que vai buscar a Michel Foucault, e baseando-se num entendimento da relação colonial antes de

mais como modo de representação, Said desenvolve uma crítica da representação do outro colonizado no âmbito do discurso ocidental a partir de finais do século XVIII. O aparelho de dominação colonial surge, assim, abordado, não apenas do ponto de vista do controlo económico ou político, mas, igualmente, do ponto de vista da construção de um modo de conhecimento. Do ponto de vista de Said, a construção do Oriente no imaginário ocidental corresponde à imposição de uma violência traduzida na liquidação do outro, tornado invisível pelo próprio discurso que ficticiamente o nomeia.

A questão da linguagem e da representação é também central em Gayatri Spivak, cujo ensaio “Does the Subaltern Speak?”, publicado em 1988 e, depois, consideravelmente expandido (Spivak, 1999), constitui um dos poucos textos que poderão ombrear com *Orientalismo* no respeitante à influência exercida. Baseando-se nas concepções desconstrucionistas e partindo da categoria do subalterno, colhida em Antonio Gramsci, Spivak desenvolve a problemática do silenciamento do colonizado. Não se trata, como uma crítica superficial deste ensaio poderá fazer crer, de negar a possibilidade da voz do subalterno, mas de mostrar como o lugar de enunciação ocupado por este no seio da relação

colonial submete essa voz a um processo de apagamento que, no final, apenas deixa espaço para o discurso dominante. Tal como no caso de Said, o texto de Spivak está, assim, construído a partir de um binarismo aparentemente irreduzível e em que tanto o campo do colonizador como do colonizado surgem como monolíticos, não deixando espaço nem para a possibilidade de um discurso de resistência por parte de um subalterno inteiramente invisibilizado, nem para a articulação de contradições e perspectivas críticas no interior do campo dominante.

Os ensaios de Homi Bhabha reunidos em 1994 sob o título *The Location of Culture* constituem, a par de Said e Spivak, uma terceira referência matricial. Partindo de um conceito de fronteira como espaço de articulação, Bhabha leva a cabo um repensar de conceitos como nacionalismo, representação e resistência e define a complexidade da relação colonial com base em categorias como ambivalência, hibridação e intersticialidade. A definição por Bhabha do espaço da cultura como um “entre-lugar” (“in-between”) veio a tornar-se muitíssimo influente e exprime a relevância atribuída por este autor às lógicas de descentramento que põem em causa o essencialismo de categorias simplesmente binárias.

Os textos e nomes citados têm um significado paradigmático, mas de nenhum modo o campo do pensamento pós-colonial pode ser simplesmente deduzido a partir deles. Não apenas muitos outros autores, como, para não ir mais longe, Stuart Hall ou Paul Gilroy, teriam de ser referidos; também os textos aflorados acima estão longe de esgotar a pluralidade da obra dos seus autores (não pode omitir-se, por exemplo, que a noção de resistência, praticamente ausente de *Orientalismo*, desempenha um papel central noutros textos de Edward Said). De todo o modo, correndo algum risco de simplificação, pode dizer-se que os textos representativos da produção teórica pós-colonial anglo-saxónica se situam num contexto de enunciação que os leva a perspectivas que nem sempre são simplesmente generalizáveis e que necessitam de ser ampliadas e revistas em aspectos essenciais.

Nalguns contextos, como o francês e do mundo francófono em geral, tem sido lenta a penetração da teoria pós-colonial, com a produtividade e propriedade da própria designação “pós-colonialismo” a serem objecto de contestação por, alegadamente, devido ao seu viés culturalista, não propiciar uma base adequada à crítica das estruturas neocoloniais. Noutros contextos, como o latino-americano, o conceito, embora igualmente sujeito à crítica, tem vindo a conhecer ampla difusão, ao mesmo tempo que é enriquecido com dimensões assentes, desde logo, na acentuação das especificidades da história colonial ibérica, quase ignoradas pelas formulações anglo-saxónicas dominantes. É assim que o filósofo argentino Enrique Dussel tem vindo a sublinhar o conceito de primeira modernidade, correspondente ao período de expansão ibérica a partir dos finais do século XV, insistindo na importância das configurações geradas nesse contexto para um entendimento mais amplo da modernidade e da história das relações coloniais. Por sua vez, o autor peruano Aníbal Quijano propõe, a partir da experiência latino-americana, o conceito de colonialidade para designar a continuidade e prevalência das relações coloniais em

contextos formalmente pós-coloniais. Outros autores, como o argentino Walter Dignolo, que reivindica o conceito de “pensamento de fronteira”, têm vindo a oferecer contributos relevantes para um repensar do aparelho teórico pós-colonial à luz de uma contextualização mais ampla. Neste quadro, é possível articular uma crítica convincente à construção pela teoria pós-colonial de novos universalismos descontextualizados: por exemplo, a atenção específica às zonas de contacto e de articulação permite dar relevo a conceitos como o de hibridação ou de *mestizaje* e, ao mesmo tempo, produzir a crítica a versões eufóricas e indiferenciadas desses conceitos através da acentuação da dimensão da violência e das lógicas de poder que lhes estão associadas. Como é visível, nomeadamente, na relevância destas especificações teóricas para uma crítica ao lusotropicalismo, estamos perante concepções que são particularmente relevantes para o contexto português.

### Consequências da teoria

De modo necessariamente sintético e não-exaustivo, é possível enumerar um conjunto de aspectos que correspondem a claras aquisições de uma epistemologia pós-colonial:

1. A dominação colonial pressupõe a produção de um conhecimento sobre o colonizado que é, simultaneamente, produção de desconhecimento, uma vez que opera, no essencial, através da redução do outro ao mesmo. Através da reivindicação da perspectiva do colonizado, o pensamento pós-colonial restitui a noção da pluralidade do mundo e da pluralidade dos modos de conhecimento. Oferece, assim, uma crítica da modernidade que incorpora a denúncia da lógica epistémica da ciência moderna e dá fundamento a um processo de provincianização da Europa, conceito popularizado a partir da obra homónima de Dipesh Chakrabarty (2000).
2. A acentuação da pluralidade do mundo implica que o pós-colonial não se reivindique como teoria universal; a pluralização do próprio conceito de pós-colonialismo

constitui um aspecto essencial da articulação de um pensamento de fronteira atento aos diferentes contextos, localizações e escalas.

3. A centralidade da crítica dos discursos e das representações na teoria pós-colonial impõe a essa teoria uma fundamental dimensão auto-reflexiva, isto é, a reflexão pós-colonial exerce-se também sempre sobre si própria, sobre os modos como constrói a inteligibilidade dos seus objectos. Assim, a análise dos discursos e das representações ganha uma dimensão político-epistemológica concreta.

4. A teoria pós-colonial chama decisivamente a atenção para o facto de que a colonização não transformou simplesmente o mundo colonizado mas implicou, do mesmo passo, uma transformação profunda das sociedades colonizadoras. Por outras palavras, a questão do pós-colonial desestabiliza a distinção centro-periferia e, no geral, todas as distinções simplesmente binárias construídas sobre o mesmo modelo (como colonizador/colonizado) e coloca a questão do colonialismo no coração da modernidade europeia.

5. A complexidade e ambiguidade da relação colonial/pós-colonial são captadas

pelo conceito de colonialidade, que permite analisar a prevalência do modelo da relação colonial para além do momento histórico que a produziu. Um aspecto importante associado a este conceito é a percepção de que a relação colonial forneceu ao conjunto das sociedades europeias um modelo identitário que se torna operativo mesmo em contextos que não reflectem directamente essa relação, o que permite pensar, por exemplo, a relação entre racismo e anti-semitismo como marcada pela dimensão da colonialidade.

6. Ao constituir-se como espaço plural de renovação epistemológica, o campo do pensamento pós-colonial potencia a transmigração e recodificação de conceitos centrais para a análise da sociedade e da cultura – como, entre muitos outros, nação, nacionalismo, hegemonia, memória, identidade, diáspora, cidadania, tradução – enriquecendo-os com novas possibilidades e, assim, não apenas alargando, mas também reperspectivando de muitas maneiras o terreno do conhecimento. Assim, o pensamento pós-colonial afirma a sua vocação transversal e institui-se como uma vertente fundamental da teoria crítica contemporânea. ■

### Referências

- BHABA, Homi K. (1994) — *The Location of Culture*. London / New York: Routledge.
- CHAKRABARTY, Dipesh (2000) — *Provincializing Europe. Postcolonial Thought and Historical Difference*. Princeton: Princeton University Press.
- DUSSEL, Enrique (1995) — *The Invention of the Americas. Eclipse of “the Other” and the Myth of Modernity*. New York: Continuum Publishing.
- MIGNOLO, Walter D. (2000) — *Local Histories, Global Designs. Coloniality, Subaltern Knowledges, and Border Thinking*. Princeton, N.J.: Princeton U.P.
- SAID, Edward (1978) — *Orientalism*. London: Routledge & Kegan Paul.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2002) — “Entre Próspero e Caliban: colonialismo, pós-colonialismo e inter-identidade”. In Maria Irene Ramalho; António Sousa Ribeiro (orgs.) — *Entre ser e estar. Raízes, percursos e discursos da identidade*. Porto: Afrontamento, 23-85.
- SANTOS, Boaventura de Sousa (2006) — *A gramática do tempo. Para uma nova cultura política*. Porto: Afrontamento.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty (1999) — *A Critique of Postcolonial Reason. Toward a History of the Vanishing Present*. Cambridge, MA / London: Harvard U. P.